
Coronavírus e Telejornalismo: As Diferentes Temporalidades Que Perpassam as Rotinas do Fantástico¹

Michele NEGRINI²
Silvana Copetti DALMASO³
Universidade Federal de Pelotas

Resumo: Este artigo tem como objetivo refletir sobre as diferentes temporalidades que passaram a coexistir nas rotinas do Programa Fantástico, na cobertura do coronavírus. Vamos nos focar, mais especificamente, na observação das transformações das práticas referenciais do telejornalismo. A partir do olhar teórico-metodológico da estrutura de sentimento (WILLIAMS, 1979), realizamos uma pesquisa com caráter exploratório e observacional (GIL, 2008) de duas edições do Fantástico, uma de abril e outra de maio de 2020, buscando pelos marcadores visíveis de temporalidade em matérias sobre o coronavírus.

Palavras-chave: coronavírus; telejornalismo; Fantástico; temporalidades; estrutura de sentimento.

Introdução

Em março de 2020 o Brasil começou a sentir os impactos da propagação do novo coronavírus pelo mundo. O vírus, que teve a China como primeiro epicentro, espalhou-se rapidamente pela Europa e na América, chegando ao Brasil no início de 2020. O jornal Estadão apontou que a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou, em 11 de março de 2020, a ocorrência de uma pandemia em razão da rápida disseminação do vírus pelo mundo.

A propagação veloz do covid-19 pelo mundo gerou elevados índices de mortes e de contaminação. No Brasil, conforme matéria jornalística do Portal UOL, de 9 de setembro de 2020, o número de vítimas fatais alcançou a marca de 128. 653. O espalhamento rápido do vírus no Brasil e o consequente alto número de mortes causaram grandes transformações políticas e sociais. A fim de prevenir a contaminação, poder público e sociedade tomaram medidas com vistas a evitar aglomerações e manter distanciamento social.

Como integrante do tecido social, o jornalismo teve que se ressignificar nas suas rotinas sem isentar-se de sua responsabilidade social perante a gravidade de uma pandemia. Neste contexto, o telejornalismo vem se mostrando como primordial para dar voz às recomendações das autoridades de saúde do Brasil e do mundo. Reportagem publicada na BBC Brasil em abril de 2020 destaca que o contágio do covid-19 decorre da inalação de gotas expelidas por uma pessoa infectada, o que comprova o alto poder de contágio e propagação do vírus. Tal contaminação

¹ Trabalho apresentado no GP Telejornalismo, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Jornalista. Doutora em Comunicação pela PUC-RS. E-mail: mmnegrini@yahoo.com.br.

³ Jornalista. Doutora em Comunicação e Informação pela UFRGS. E-mail: silvana.dalmaso@gmail.com.

ficaria facilitada, na prática cotidiana dos meios de comunicação, caso atitudes de prevenção não fossem tomadas. Assim, medidas como o uso de máscaras por repórteres, distanciamento da equipe jornalística em relação às fontes, uso de dois microfones nas entrevistas presenciais e higienização constante dos equipamentos passaram a ser fundamentais na rotina das empresas telejornalísticas.

Os telejornais, em geral, adaptaram suas rotinas às medidas de proteção, mudaram modos de fazer jornalismo, alteraram o cotidiano das equipes e a relação com os entrevistados. E nestas adequações e alterações dos processos produtivos visualizam-se transformações no produto final que é levado ao ar. Elementos novos são inseridos e coexistem com os aspectos que são hegemônicos no jornalismo, o que demonstra que o contexto social e cultural se faz presente e interfere na rotina jornalística. A partir desse pressuposto da influência do ambiente social sobre a prática telejornalística em tempos de pandemia, das transformações nas rotinas dos telejornais e das consequentes ressignificações do produto final, este artigo objetiva apontar e refletir sobre as diferentes temporalidades que coexistem nas matérias sobre o coronavírus no programa Fantástico, da TV Globo, direcionando nosso olhar à observação das transformações de práticas referenciais do telejornalismo. Vamos analisar uma edição de abril e outra de maio de 2020, a partir da perspectiva teórico-metodológica da estrutura de sentimento (WILLIAMS, 1979).

Apontamentos Sobre o Contexto do Telejornalismo

As mudanças do cotidiano em razão do coronavírus atingiram a todos, de diferentes formas. Como instituição integrante da sociedade, o jornalismo profissional também foi afetado e se obrigou a alterar práticas, condutas e comportamentos. No telejornalismo, as rotinas produtivas foram amplamente ressignificadas, sempre em busca do cuidado com a saúde da equipe de redação e, também, dos entrevistados.

O site Coletiva.net, em uma reportagem do dia 14 de abril de 2020, abordou as transformações ocorridas nas emissoras de TV do Rio Grande do Sul para poderem operar em tempos de pandemia. Por meio de relatos e entrevistas com pessoas ligadas a essas emissoras, a reportagem discorreu sobre as adaptações realizadas no telejornalismo do Rio Grande do Sul. Tais informações são válidas para darem respaldo às reflexões sobre as práticas adaptativas do telejornalismo de forma geral. Na matéria, o gerente de jornalismo do SBT RS, Danilo Teixeira, assinala que estamos diante de uma nova forma de fazer televisão e que são imprescindíveis as adaptações cotidianas, que afetam funcionários, formatos e o conteúdo exibido. Ele ainda destaca a redução do time presencial das redações e o uso de máscara por repórteres e equipe. O diretor de Jornalismo da RBS TV, Cezar Freitas, aponta, na reportagem, a diminuição dos trabalhos em

âmbito de rua e a preocupação com os entrevistados. Ele assinala que muitas reportagens estão sendo operacionalizadas pelos repórteres em suas próprias casas, com a realização de entrevistas através da internet, utilizando plataformas online. E, no caso de o encontro do repórter com a fonte ser imprescindível, estão sendo utilizados recursos como o uso de dois microfones, um para o entrevistador outro para o entrevistado.

Os pontos citados na reportagem do Coletiva.net chamam a atenção para as ressignificações do telejornal em várias perspectivas, tais como: contato com as fontes diretamente da casa dos jornalistas, adoção de medidas de higiene na realização de reportagens externas, uso de máscara pelos repórteres e entrevistados e distanciamento entre eles. Foi notável a redução de jornalistas trabalhando nas redações; a apresentação dos comentaristas e de alguns apresentadores com mais de 60 anos diretamente de suas casas; e, como já mencionado, a realização de entrevistas pela internet. Importante destacar também a exploração de recursos tecnológicos como o acesso a informações pelo celular por meio da apresentação de QR Codes.

O telejornalismo, em conformidade com o olhar dos manuais e também com as práticas referenciais do campo, apresenta formatos narrativos mais objetivos, com o uso de parágrafos curtos, de palavras simples e de fácil compreensão, além de textos verbais “casados” com imagéticos. Durante o atual período de pandemia, é possível observar reportagens mais longas, com tempo maior de fala de repórteres e de entrevistados. Importante ressaltar que as fontes de informação passaram a falar diretamente de suas casas, atendendo aos jornalistas por meio de plataformas online de conversação ou enviando vídeos gravados.

Em relação às imagens, um padrão de qualidade imagética costuma ser visualizada no telejornalismo de referência. O jornalismo de televisão opera com imagens impactantes e relevantes. Paternostro (2006, p.73) analisa a importância da imagem na TV: “Imagens. Boas, fortes, contundentes. Característica fundamental na matéria de TV”. Nas reportagens, imagens de arquivo e recursos gráficos passaram a suprir a falta de muitas imagens externas. Também passaram a ser muito presentes as imagens feitas por dispositivos móveis, o que representa uma boa alternativa em momentos de equipes reduzidas.

Ao falar da estrutura da reportagem, Emerim (2010) analisa constituição da narrativa:

A estrutura narrativa da reportagem na televisão, de modo geral, constitui-se de off, boletim e sonora, sendo independente a ordem de aparição na estrutura narrativa. Condiciona-se que uma boa reportagem não precisa da aparição do repórter no boletim, assim, este só deve ser usado em situações específicas, ou seja, quando não existe outro modo de dar aquela informação (EMERIM, 2010, p.9).

As palavras de Emerim apontam para uma estrutura que poderia ser considerada hegemônica de reportagem telejornalística, mas que em tempos de pandemia, passou a assimilar

transformações. São essas mudanças nas práticas referenciais do telejornalismo que iremos observar no dominical Fantástico, buscando apontar os marcadores de temporalidades que se mostram no programa televisivo. Nosso suporte teórico-metodológico é a estrutura de sentimento, de Raymond Williams (1979).

Temporalidades e Estrutura de Sentimento

Sabemos que o telejornalismo e as suas narrativas são permeados por fatores dos âmbitos social, cultural e tecnológico. E que as transformações nas formas de apresentar notícias e de contar os fatos são resultantes de mudanças relacionadas à sociedade, à cultura e à tecnologia. Na medida em que os órgãos competentes de saúde foram divulgando medidas essenciais para preservação da saúde das pessoas e prevenção do contágio, o programa Fantástico, como tantos outros programas de televisão, obrigou-se a se adaptar a fim de proteger profissionais do jornalismo e representantes de fontes de informação. Novos procedimentos foram inseridos na rotina telejornalística do Fantástico, como apresentação de sonoras gravadas pelas fontes em seus próprios dispositivos, uso de máscara pelos repórteres e, em caso de externas, manutenção de distância entre entrevistadores e entrevistados.

Ao falarmos em transformações nas rotinas de produção de conteúdo jornalístico no Fantástico, cabe inferir que elementos dominantes do telejornalismo se fazem presentes, mas que são perpassados por outras perspectivas de produção, por elementos emergentes e novos.

Ao considerarmos o telejornal um produto da cultura, entendemos que os discursos telejornalísticos são forjados com base em elementos de distintos momentos e que diversas temporalidades coabitam o processo cultural. Para abordarmos essas diferentes temporalidades, convocamos o olhar de Williams (1979) e as categorias de dominante, residual e emergente, compreendendo-as como profícuas para a observação dessa diversidade tempos e momentos no telejornalismo.

Desse modo, para tratarmos destas transformações e estabelecermos relações entre os elementos de distintas temporalidades que perpassam a constituição do programa dominical Fantástico, vamos convocar o olhar teórico-metodológico de estrutura de sentimento, que considera os contextos sociais e culturais dos fenômenos.

O conceito de estrutura de sentimento fornece bases teóricas e metodológicas para este estudo, pois possibilita a observação de continuidades e rupturas presentes nos modos de tecer as formas de narrar o telejornal. Gomes (2011, p.30) faz apontamentos sobre o conceito, que foi idealizado por Raymond Williams:

Acreditamos que a expressão estrutura de sentimento nasce de um duplo esforço, que tensiona toda a obra de Williams. De um lado, temos o esforço teórico-metodológico de rejeitar o determinismo marxista e empreender uma análise cultural que seja a análise da relação entre os elementos de um modo inteiro de vida; de outro, temos o esforço político de enfrentar o capitalismo [...] A articulação entre a mudança social e a mudança cultural é o desafio central que Williams quer enfrentar com a formulação da noção de estrutura de sentimento.

A partir do olhar de Gomes (2011), é cabível tomar a estrutura de sentimento como uma noção que possibilita a realização de uma análise cultural, com perspectivas mais abertas. Williams (1979), ao explicar o conceito, se refere a uma estrutura social em processo, em conformação. O autor aponta estrutura de sentimento como uma hipótese cultural: “[...] derivada na prática de tentativas de compreender esses elementos e suas ligações, numa geração ou período, e que deve sempre retornar, interativamente, a essa evidência” (1979, p.135).

Para Gomes (2011), o pensamento de Raymond Williams de rejeição da separação da vida cultural e vida material demarca que os processos sociais são dotados de complexidades. Ainda de acordo com as reflexões da autora, as visões de Williams para a realização de uma análise cultural têm vínculos com o pensamento dele sobre cultura. Negrini (2019, p.236) acrescenta: “Assim, a lógica da estrutura de sentimento se articula como um recurso pensado por Williams para o entendimento da forma como cada um vive, mas sempre observando as relações sociais”.

De acordo com Gomes (2011), na obra *Marxismo e Literatura*, de Williams, a estrutura de sentimento tem sua apresentação como uma hipótese cultural voltada à realização de ponderações sobre diferentes modos de vida que são constituintes da cultura. É neste campo de sentido que estão imbricadas as noções de dominante, residual e emergente. “Dominante, residual e emergente são três categorias que Raymond Williams utiliza para descrever elementos de diferentes temporalidades e origens que configuram qualquer processo cultural” (GOMES, 2011, p.43).

Williams (1979) traduz a ideia de dominante como sendo relacionado ao hegemônico. Machado, Tomazetti e Moraes (2013) apontam o dominante como um espaço de práticas já consolidadas no contexto de uma cultura. O residual é caracterizado por Williams como sendo algo com formação no passado, mas que ainda está ativo na cultura do presente. E o emergente foi da seguinte forma caracterizado por Williams (1979, p.125): “Por ‘emergente’ entendo, primeiro, que novos significados e valores, novas práticas, novas relações e tipos de relação estão sendo continuamente criados”.

As perspectivas de dominante, residual e emergente se mostram profícuas para observarmos elementos de distintas temporalidades que se mostram na cultura telejornalística, especificamente, nas rotinas do Fantástico, que passaram por diversas transformações em tempos de pandemia e que são permeadas por elementos de diferentes temporalidades. É sobre este

programa de temática diversificada, que engloba o telejornalismo, e que se transforma ao longo dos anos que vamos discutir a seguir.

O Fantástico: Variedades e Jornalismo

Em cinco de agosto de 1973, estreia na Rede Globo o dominical Fantástico. Conforme informações do site Memória Globo, o Fantástico “[...] prometia ser um formato diferente de tudo o que existia na televisão brasileira” (MEMÓRIA GLOBO, web, s/p). Desde o início, foi concebido para ter o formato de uma revista eletrônica e para levar ao ar informações de cunho jornalístico e conteúdo de entretenimento.

O Fantástico, formulado para ter duas horas de duração, desde os seus primórdios foi marcado pela cobertura de variedades e incorporação de aspectos de espetacularização. O programa assumiu já inicialmente um estilo voltado à tessitura de conteúdos jornalísticos com mais leveza. Rocha e Aucar (2011, p.48) apontam:

O programa tinha o nome tão audaz quanto suas ambições: Fantástico, o show da vida. Com duas horas de duração, o painel dominical, visualmente sofisticado, reunia shows de humor, teleteatros, musicais, jornalismo, documentários e reportagens internacionais, com um cardápio variado de temas. Só era pauta o que representasse um verdadeiro show, algo que trouxesse a noção de espetáculo embutida.

No decorrer de seu percurso, o Fantástico foi passando por diversas transformações, mudanças de cenários e troca de apresentadores; inclusive, nomes do meio artístico, como Helena Ranaldi e Carolina Ferraz já integraram a apresentação do programa. Mesmo com mudanças de cenário, o dominical sempre manteve um estilo de transmissão de assuntos com mais leveza, levando ao ar jornalismo e entretenimento, dando espaço para assuntos importantes e relevantes jornalisticamente, mas também abordando conteúdos mais relacionados ao mundo do entretenimento, o que pode ser visualizado na descrição do programa no serviço de streaming Globoplay: “Programa em forma de revista eletrônica, o Show da Vida mistura jornalismo, denúncia, esporte, humor, dramaturgia, documentário, música e ciência”⁴.

A rápida propagação da Covid-19 no Brasil mobilizou o departamento de jornalismo da Rede Globo e o Fantástico envolveu-se, fazendo uma ampla cobertura da pandemia, além de assumir ressignificações em seu estilo, focando-se mais em notícias do que em entretenimento por diversas edições. Mesmo que o programa tenha um histórico voltado a dar espaços a assuntos no âmbito das variedades e do entretenimento, ele assumiu uma postura mais voltada ao espaço noticioso em meio à pandemia, levando informações ao ar com mais seriedade e formalidade do

⁴ Descrição disponível em: <<https://globoplay.globo.com/fantastico/t/S15HBdHBdn/>>. Acesso em 25 de março de 2020.

que normalmente ocorre em seu cotidiano. Além disso, o programa apresentou transformações na forma de desenvolvimento das narrativas, no jeito de contar os fatos. Tais mudanças foram reflexo dos cuidados com a preservação da saúde aconselhados pelas autoridades no assunto.

Na cobertura da pandemia, permaneceram os aspectos dominantes do jornalismo, mas estes foram perpassados por outros elementos, novos ou emergentes, que se sobressaíram devido à necessidade de cuidados com a preservação da saúde. Em cada nova edição do Fantástico, as medidas de proteção e as adaptações à nova realidade foram tendo destaque, o que se materializou em mudanças nas formas de contar os fatos.

Transformações e Temporalidades do Fantástico em Época de Coronavírus

Neste estudo, nossa atenção se concentra nas edições do Fantástico do dia 5 de abril e dia 17 de maio de 2020. Optamos por observar estas duas edições por serem amplamente ilustrativas em relação à presença de transformações nas rotinas produtivas de telejornalismo e por trazerem elementos de diversas temporalidades.

Edição 05/04/2020

A edição do dia 5 de abril começa com a apresentação de imagens de pessoas usando máscaras. Os apresentadores Tadeu Schmidt e Poliana Abritta enfatizam o uso do equipamento de proteção:

Tadeu: Domingo, 5 de abril, o Fantástico está no ar.

Poliana: A proteção contra o novo coronavírus ganha mais uma camada.

Tadeu: De pano, de tecido sintético.

Poliana: Os brasileiros começam a usar máscaras.



FIGURA 01- Pessoas usando máscaras são apresentadas no início do Fantástico (Fonte: Reprodução/ Globo Play)

O início da edição é focado na introdução de uma reportagem de Sônia Bridi falando sobre o uso de máscaras. O decorrer da matéria destaca as recomendações de autoridades pelo uso do acessório. Bridi, ao gravar a passagem, destaca o uso do equipamento por parte de jornalistas de televisão e, também, da manutenção do distanciamento social por partes destes profissionais. A

gravação da passagem de Sônia é um momento significativo na ilustração das transformações que a pandemia impôs ao telejornalismo, pois ela aparece de máscara, menciona que repórteres e cinegrafistas só vão tirar o equipamento em momentos em que for necessária uma comunicação com o público. Também é destacado o fato de que os cinegrafistas estão usando a máscara e mantendo distância dos outros membros da redação.



FIGURA 02- Membros da redação do Fantástico usando máscaras e mantendo distanciamento (Fonte: Reprodução/ Globo Play).

O uso de máscaras pelos profissionais de uma redação demonstra que o coronavírus gerou mudanças em todo o processo de tessitura de notícias e que mudou completamente a relação entre os jornalistas no exercício de suas atividades diárias e, até mesmo, na relação dos jornalistas com as fontes. Fica evidente que estamos diante de um novo formato de fazer jornalismo televisivo, com rotinas ressignificadas e novas práticas. Neste momento, a máscara aparece como um elemento emergente no telejornalismo, fazendo-se necessária para proteger os profissionais do jornalismo, as fontes e também para mostrar ao público esta forma de prevenção.

A realização de sonora no contexto de uma reportagem é um elemento hegemônico. Mas, um ponto significativo, que foi visualizado com muita frequência durante o período da pandemia e que pode ser considerado emergente em relação às práticas cotidianas do telejornalismo de referência, é a realização de sonoras e demais entrevistas com o suporte da tecnologia. A repórter, falando de dentro do estúdio, conversa com a entrevistada, que fala de dentro de um ambiente, que remete a sua residência. Nesta seara cabe apontar a coexistência de elemento hegemônico com o emergente.

A prática de realização de sonoras de dentro de casa, por intermédio de plataformas online que permitem a comunicação a distância, se repete no decorrer do programa e pode ser vista em outras reportagens da edição, como na de Ernesto Paglia sobre a homenagem de médicos e enfermeiros a um paciente que venceu o coronavírus. Na matéria de Paglia, há conversas do repórter com entrevistados com o uso de um computador.

Nessa edição, o Fantástico apresenta uma matéria sobre os desafios da prevenção ao coronavírus por pessoas que não têm teto, que moram na rua em tempos de pandemia. O repórter Manoel Soares, no decorrer de um off da matéria, salienta: *“Morar na rua é incompatível com a*

saúde”. As palavras do repórter assinalam as dificuldades de enfrentamento do vírus em contextos de vulnerabilidade social. Na matéria, o jornalista aparece, várias vezes, dando informações e, inclusive, caminhando e apontando para determinados pontos. Nos formatos hegemônicos do telejornalismo, não é comum a apresentação do jornalista diversas vezes em uma matéria. Desta forma, neste ponto, é possível visualizar uma postura que pode ser caracterizada como emergente por parte do repórter.

Cabe destacar que Manoel Soares aparece sem máscara na reportagem, mas ele aponta que as gravações foram feitas antes das recomendações do Ministério da Saúde de uso de máscara para toda a população e que a equipe tomou todas as precauções para cumprir as determinações preventivas. Neste ponto, é possível ver que as rotinas de gravação telejornalística foram transformadas com o objetivo de reduzir riscos e preservar a saúde dos envolvidos. Sob a ótica de transformação das formas de fazer telejornalismo, a gravação de uma entrevista com distanciamento entre repórter e entrevistado (FIGURA 3) é um elemento de ordem emergente. No âmbito do telejornalismo de referência, o jornalista segura o microfone para o entrevistado, estando próximo a ele, uma prática até então hegemônica no jornalismo de televisão.



FIGURA 03- Repórter Manoel Soares mantendo distanciamento do entrevistado (Fonte: Reprodução/ Globo Play).

A reportagem de Manoel é constituída com bases na informalidade e na participação do repórter como agente presente e condutor da narrativa telejornalística. Como mostra a FIGURA 3, Soares tem postura completamente informal e o seu figurino, com mochila nas costas, foge muito ao que normalmente é visualizado na seara telejornalística. Neste ponto, cabe destacar que Manoel está trabalhando em um prisma que segue a linha de mais leveza e informalidade, que faz parte do Fantástico, mas que não é comum nos parâmetros do telejornalismo de referência. Além disso, o repórter está conversando com pessoas sem teto, o que também justificaria a simplicidade maior de seu vestuário.

Em relação à apresentação de depoimentos gravados pelas próprias fontes, em suas casas, ou de conversas por videoconferência com as fontes, cabe apontar que os padrões de qualidade de imagem do telejornalismo de referência acabam não sendo sempre observados. As falas dos entrevistados, muitas vezes, ocorrem em ambientes com problemas de iluminação e com a

imagem muito próxima ao dispositivo de captação. Na contemporaneidade, já vínhamos visualizando a utilização de imagens gravadas em dispositivos móveis no âmbito do telejornal, mas isso era mais esporádico. Em tempos de coronavírus, a apresentação de entrevistas à distância (FIGURA 4) passou a ser prática habitual, o que nos leva a considerar este aspecto como emergente.



FIGURA 04- Entrevistados falando de forma remota com os jornalistas (Fonte: Reprod./ Globo Play).

Como apontamos, na realização de entrevistas através do suporte da tecnologia, a qualidade de imagem e som nem sempre é satisfatória. Isso não impede, porém, a manutenção da realização de entrevistas, que é um elemento hegemônico quando se fala em constituição de reportagem no telejornalismo. Neste sentido, podemos afirmar a coexistência de temporalidades diferentes no Fantástico. Aspectos hegemônicos e emergentes – advindos dos contextos sociais e culturais – coexistindo no espaço do telejornalismo.

Nas reportagens sobre o coronavírus desta edição, como demarcarmos, visualizamos diversas esferas que remetem à ressignificação nas rotinas do telejornal em decorrência da pandemia. Em relação à observação de elementos de diversas temporalidades, verificamos a existência de elementos que, no olhar de Williams (1979), podem ser considerados emergentes, como o uso de máscara, o tempo maior de aparecimento do repórter nas matérias, o distanciamento entre jornalistas e entrevistados, a exibição de entrevistas e sonoras gravadas pelas próprias fontes, de suas casas. É importante apontarmos que os elementos hegemônicos do telejornalismo de referência foram mantidos, como a convocação de fontes especializadas nos assuntos apresentados, a apresentação de diversas vozes sobre um assunto, mesmo em tempos mais complicados para falar com as fontes, além da utilização de uma estrutura narrativa, na maioria das reportagens mostradas, seguindo um estilo considerado padrão de tessitura de textos jornalísticos para TV.

Edição 17/05/2020

Na edição do dia 17 de maio, foram observadas características semelhantes às apontadas na edição de 5 de abril, como a realização de sonoras através de videoconferência ou de gravação de vídeo pelas fontes por meio de celular e o uso de tecnologias gráficas para ilustrar as

reportagens. Um ponto importante observado nesta edição foi o uso de máscaras por parte dos repórteres durante a gravação da passagem em matérias externas, o que pode ser considerado emergente em relação às práticas do telejornalismo de referência. A adoção das máscaras pelos membros de uma equipe de reportagem aciona olhares para a perspectiva do telejornalismo estar atuando como agente educativo, voltado a enfatizar ao público a necessidade dos cuidados com a saúde.



FIGURA 05- Repórter com máscara na reportagem (Fonte: Reprodução/ Globo Play).

Outro aspecto bastante significativo em meio à pandemia e a milhares de mortes por ela ocasionadas, foi a apresentação dos rostos de pessoas falecidas na edição em análise (FIGURA 06). Esta prática foi verificada em outras coberturas televisivas, como a do Jornal Nacional da tragédia com o time de futebol da Chapecoense. Negrini (2020) aponta que na cobertura do JN à tragédia da Chapecoense, no dia do acontecimento, puderam ser vistas, no final de cada bloco, listas com os nomes dos falecidos. E no final da edição, os rostos dos falecidos foram mostrados em um telão, no fundo do cenário. Esta prática, então, pode ser considerada residual e pode ser vista como uma forma de humanização do relato jornalístico e de sensibilização ao público.



FIGURA 06- Fotos de falecidos são exibidas no Fantástico (Fonte: Reprodução/ Globo Play).

E depois da apresentação das imagens de mortos pelo coronavírus, atores da Rede Globo conhecidos no cenário brasileiro são convocados para apresentarem depoimentos sobre as pessoas mostradas. Os relatos foram cheios de emoção e voltados ao enaltecimento dos falecidos. Após a fala dos atores, os apresentadores trazem mais informações sobre as vítimas do covid-19. A

inserção de atores para homenagear os falecidos pode ser considerada algo emergente em relação a coberturas de morte no âmbito telejornalístico.

No final do programa, após a última apresentação de depoimentos do dia por parte de atores, Poliana assinala: *“Todos estes depoimentos lidos por atores e atrizes ao longo do programa de hoje foram retirados do site inumeráveis”*. Tadeu acrescenta: *“Uma ideia que surgiu para que amigos e parentes de vítimas do coronavírus se despeçam com uma última homenagem ou simplesmente compartilhem lembranças de quem foi embora”*. E Poliana finaliza: *“Os criadores deste espaço garantem que não sentir que uma pessoa amada seja tratada como só mais um número faz bem”*. As palavras dos apresentadores demonstram a ênfase que o programa dá à morte e aos mortos. Os depoimentos exibidos são focados na demarcação de pontos positivos das vítimas do covid e na falta que estas pessoas fazem. Esta característica em relação à morte já foi visualizada em outras coberturas telejornalísticas e pode ser considerada residual.

Outro movimento bastante significativo feito por equipes de reportagem do programa foi a realização de entrevistas com várias pessoas de forma simultânea através de videoconferência. Em reportagem que foi ao ar no dia 17 de maio, o repórter Ernesto Paglia conversa com pessoas de diversos locais do país sobre a importância do uso da máscara. Após o bate papo, ele destaca: *“A maioria de nós, respeita, como deu pra ver nessa conversa que eu tive com o pessoal de vários estados brasileiros. Mas algumas poucas pessoas não têm a menor vergonha de mostrar total falta de noção, de preocupação com o próximo, falta de afeto, solidariedade, falta de empatia. Os dicionários traduzem esta palavra. [...]”*. A prática jornalística mostrada por Paglia traz um elemento hegemônico em nível de telejornalismo, que é ouvir diversas fontes sobre um assunto, mas adentra em um elemento novo – emergente-, que é a realização de entrevistas com várias pessoas, ao mesmo tempo, por meio de videoconferência. Novamente, assinalamos a coexistência de temporalidades na construção das práticas telejornalísticas, o contexto cultural agindo num produto da própria dinâmica cultural, que é o programa Fantástico.



FIGURA 07- Repórter conversa com várias pessoas de forma simultânea através de videoconferência (Fonte: Reprodução/ Globo Play).

Nas duas edições em análise, observamos que um fator dominante foi a utilização de recursos tecnológicos para suprir a falta de imagens. Com a pandemia e com a necessidade de distanciamento social, a captação de imagens ficou mais limitada e complexa. Em razão disso, alternativas precisaram ser encontradas para suprir essas faltas e fornecer imagens, tendo em vista que os discursos imagéticos são as matérias-primas da linguagem do telejornalismo.



FIGURA 08- Recursos gráficos são utilizados no Fantástico (Fonte: Reprodução/ Globo Play).

Os recursos gráficos são presenças constantes no telejornalismo. Durante o período da pandemia – que trouxe e ainda traz certas restrições às atividades jornalísticas – os recursos de computação gráfica passaram a ser vistos com mais frequência, consolidando-se como elementos dominantes e significativos de uma temporalidade.

Considerações Finais

Nossa intenção neste estudo foi apontar as diferentes temporalidades nas matérias do Fantástico relacionadas ao coronavírus por meio da observação das transformações de práticas referenciais do telejornalismo. Escolhemos alguns momentos significativos de uma edição de abril e uma de maio, referentes ao covid-19 e, com o aporte da perspectiva teórico-metodológica da estrutura de sentimento (WILLIAMS, 1979), que leva em conta o contexto social e cultural, observamos o que é dominante, residual e emergente nas práticas telejornalísticas, durante a pandemia, do programa Fantástico.

No âmbito da cultura, foi possível observar a coexistência de elementos de diversas temporalidades convivendo e se perpassando. Importante destacar que os elementos dominantes, residuais e emergentes podem coabitar um contexto cultural, ou seja, a prática consolidada convive com as novas práticas e com aquelas que são do passado mas que estão ativas no presente. Em relação ao telejornalismo, as tessituras dos textos são impregnadas de elementos distintos, dentre eles os hegemônicos como a própria estrutura padrão de uma reportagem - entrevistas, offs, elementos visuais e sonoros –, a busca por fontes especialistas, a predominância da linguagem imagética etc.

Juntamente com os fatores da ordem do hegemônico, são notáveis, principalmente em tempos de pandemia do coronavírus, elementos da ordem do residual e do emergente. O emergente aqui é entendido como tudo aquilo que aparece em razão de uma necessidade do momento; ele se conecta a uma urgência, a uma atualidade, que emerge de uma determinada realidade. Ao analisarmos as duas edições do programa Fantásticos levadas ao ar em tempos de pandemia no cenário brasileiro, nos dias 5 de abril e 17 de maio de 2020, observamos alguns elementos emergentes que predominaram:

a) uso de máscaras por jornalistas e repórteres nas reportagens e pela equipe de redação do programa.

b) distanciamento entre os membros de uma redação, inclusive entre os apresentadores em estúdio.

c) mudanças nas relações entre jornalistas e fontes, resultando na realização de sonoras com o suporte de tecnologia, com repórteres e entrevistados se comunicando nos seus próprios ambientes, isolados. E nas sonoras realizadas em ambientes externos, ocorrência de gravação com distanciamento, inclusive com o uso de microfones com cabo mais longo ou cada um com o seu microfone.

Importante destacar que essas práticas, como as sonoras e depoimentos gravados pelas próprias fontes e as entrevistas feitas por videoconferência, juntaram-se a elementos consolidados, como as imagens de alta qualidade, característica do telejornalismo profissional. As imagens geradas pelas próprias pessoas e transmitidas pela internet não têm a mesma qualidade das produzidas pelo jornalismo profissional. Nestes casos de produção de imagens das próprias fontes, cenários diversos foram visualizados, e os ângulos e iluminação nem sempre foram adequados ao telejornalismo. Esta perspectiva demonstra, inclusive, uma aproximação do relato telejornalístico com as práticas das redes sociais. As entrevistas feitas tradicionalmente pelos jornalistas, de forma presencial e com seus equipamentos de alta qualidade imagética, e as sonoras gravadas pelas próprias fontes e pelos entrevistados refletem duas diferentes temporalidades coexistindo no Programa Fantástico e mostram ainda aspectos da cultura perpassando-se um ao outro.

Um elemento residual importante observado nas edições do Fantástico, e também já evidenciado no Jornal Nacional, foi a apresentação dos rostos dos falecidos, no final dos blocos do programa dominical. Esta prática foi visualizada em outras coberturas sobre morte no telejornalismo, como no caso do acidente aéreo com o time de futebol da Chapecoense. E, após a apresentação dos rostos das vítimas, atores conhecidos no Brasil apresentaram relatos sobre essas pessoas, o que pode ser considerado emergente em relação às coberturas ligadas à morte. Desse modo, identificamos duas temporalidades diferentes na forma como o programa falou dos mortos

da covid-19, utilizando um elemento residual, já verificado em outras tragédias, e um emergente, que foi apresentado agora, durante a pandemia.

Para finalizar, nos parece importante enfatizar que a composição de textos para o telejornalismo em tempos de pandemia é dotada de complexidades. O atual momento, de enfrentamento de uma pandemia mundial, impôs completas transformações ao telejornalismo. Estas mudanças afetaram o telejornalismo de forma intensa, provocando alterações nas rotinas e práticas, mexendo com processos produtivos já enraizados profissionalmente. Essas transformações, no que se refere às matérias sobre o coronavírus no Fantástico, evidenciaram que o jornalismo de TV é delineado por diferentes perspectivas culturais e formado por elementos de distintas temporalidades que convivem um com outro na forma de práticas culturais.

Referências

- COLETIVA. NET. **Como o novo coronavírus mudou a forma de fazer telejornalismo no RS?** Disponível em: <https://coletiva.net/comunicacao/como-o-novo-coronavirus-mudou-a-forma-de-fazer-telejornalismo-no-rs,355535.jhtml?fbclid=IwAR1GFsZqzpb4KSE01dB1Rm0r6PlrBJG9isnAJQo0tftYXCWQ1Dz8--Hui-0>. Acesso em: 21 de maio de 2020.
- EMERIM, Carlida. **O texto na reportagem de televisão**. In: XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2010, Caxias do Sul. Anais. Caxias do Sul: Intercom, 2010
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008
- ESTADÃO. 2020. **OMS declara pandemia de novo coronavírus**; mais de 118 mil casos foram registrados. Estadão. Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,oms-declara-pandemia-de-novo-coronavirus-mais-de-118-mil-casos-foram-registrados,70003228725>. Acesso em: 8 de abril de 2020.
- GLOBOPLAY. **Fantástico**. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/fantastico/t/S15HBdHBdn/>. Acesso em 25 de março de 2020.
- GOMES, Itania. Raymond Williams e a hipótese cultural da estrutura de sentimento. In: Itania Maria Mota Gomes; Jeder Janotti Jr. (Org.). **Comunicação e Estudos Culturais**. 1ed. Salvador: EDUFBA_ Editora da Universidade Federal da Bahia, 2011, v. 1, p. 29-48.
- MACHADO, Alisson; TOMAZETTI, Tainan Pauli; MORAES, Ana Luiza Coiro. Intelectuais como fontes experts da mídia: estruturas de sentimento dominantes, residuais e emergentes na cobertura das manifestações de rua no Brasil. In: V Seminário Internacional de Pesquisa em Comunicação, 2013, Santa Maria. **Anais**. Santa Maria: Sipecom, 2013.
- MEMÓRIA GLOBO. Fantástico. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/jornalismo-e-telejornais/fantastico/>. Acesso em 24 de março de 2020.
- NEGRINI, Michele. Diversas temporalidades nos discursos televisivos sobre a morte: aferições sobre a tragédia da Chapecoense no Jornal Nacional. **CONTEMPORANEA** (UFBA. ONLINE), v. 17, p. 229-249, 2019.
- NEGRINI, Michele. **A morte no telejornalismo**: as relações de temporalidade e cultura nos discursos do Jornal Nacional. 1. ed. Florianópolis: Insular, 2020. v. 1. 156p .
- PATERNOSTRO, Vera. **O texto na TV**: manual de telejornalismo. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- BBC. 2020. **Coronavírus: O que a covid-19 faz com o seu corpo**. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-51891465>. Acesso em: 8 de abril de 2020.
- ROCHA, Everardo; AUCAR, Bruna. Fantástico, o show da vida: televisão, convergência e consumo. **Alceu** (PUCRJ), v. 11, p. 43-60, 2011.
- UOL. 2020. **Com 1.136 novos óbitos, total de mortes no Brasil ultrapassa 128 mil**. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/09/09/covid-19-mortes-casos-09-setembro.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 9 de setembro de 2020.
- WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1979.